

Porto Alegre, 29 de Setembro de 1915

Argemiro

Respondo com atraso à tua última carta, e o motivo é este: estou com mais quatro cartas por escrever e não me animava a pôr mãos à obra. Além de quê, tenho a cabeça muito amarrilhada; o fim do ano está às portas e está tudo ainda por fazer.

Fui buscar a Nação à tua casa; agradeço-te a bela ideia. Apreciei muitíssimo as crónicas da guerra, além da restante e variadíssima matéria que se encontra no jornal. Por falar em jornais, deves saber que o "Diário" sai agora de capricete germânico. Apesar disto é um bom jornal e que obrigará o "Correio do Povo" a melhorar.

Há diversos dias, como resultado de uma discussão que tivemos, ofereci ao Aristides Cavado, que foi o presidente de nosso Comité versus Hermes, um exemplar do livro de Medeiros e Albuquerque, ficando ele obrigado a rebater os argumentos apresentados. Encontrei-me depois com ele; confessou-me haver ali razões fortíssimas em favor do federalismo, e que ele ~~o~~ iria estudá-las melhor. Disse-me ainda ter passado o livro ao Dr. Plínio.

Era, por este exemplo, em que um presidencialista
avrage' fica logo abalado por uma leitura
 ligeira e incompleta, vê-se facilmente a eficácia
 que teria uma propaganda bem dirigida. Por
 que o facto é este: poucos são os ^{partidários} que têm uma
 ideia de parlamentarismo e poucosíssimos, talvez,
 os que conhecem o presidencialismo (a não ser
 praticamente, nos seus desastrosos efeitos). Mas,
 ao passo que esta ignorância dos respectivos sis-
 temas não traz prejuizo ao partido situacionista,
 porque elle tem os empregos públicos, a corrupção,
 a ameaça e a Brigada, e quanto ao mais, a
 sabedoria é nociva; para nós esta ignorância é
 simplesmente desastrosa. Pois há-de ever que
 existem colegas federalistas, na minha turma, que
 não só não conhecem o parlamentarismo, como
 acham que se deveria abandonar ^{tal} progra-
 ma! Isto é o cúmulo. Mas que se tem feito para
 sanar estes inconvenientes? É duvidoso até que
 elles sejam sentidos. Por isto, reorganizar os directo-
 rios, como se pretende fazer aqui, é alguma coisa
 mas não é tudo; é apenas o suficiente para que
 o partido não morra. Mas é necessário que elle
 se difunda e prospere, e não se conseguirá

isto sem uma propaganda tenaz, pela palavra, pelo livro, pelo jornal. Uma edição econômica de livro de Medeiros, daria folhetos de um custo mínimo, que poderiam ser espalhados pelo país. Quanto a jornais, seria indispensável um grande jornal parlamentarista em Porto Alegre, muito de propósito digo "grande jornal", por que não deveria ser estritamente político, como era a Reforma ultimamente, para adquirir maior penetrabilidade, maior influência. É isto, com ser uma coisa indispensável, não seria coisa difícil. Bastaria aparecer um homem empreendedor e de ^{algum} grande prestígio. Por meio de ações de 50000 rs conseguir-se-ia em todo o estado o capital necessário a uma grande empresa jornalística. A maior dificuldade, a meu ver, seria a dos jornalistas, mas fabendo fit faber. Além disso há o recurso das correspondências políticas do Rio e de outras capitais do país; espíritos de elite que professam o parlamentarismo não faltam. Isto que aí fica é devaneio, mas é o devaneio de uma coisa que devia ser real e que poderia tê-lo, em todo o caso.

obedei a tendência de bom brasileiro: fazer planos para os não executar. Já é alguma coisa.

O Glaupe pretende deixar Porto-Alegre. Irá para uma localidade da fronteira cujo nome não me ocorre.

O Aleider mudou de assunto. Traveuere sobre o tratamento das hemorragias uterinas frost partum.

Parta, por hoje.

Lembranças ao nosso velho correligionário, Sr. Modesto.

Seu Meir, sou o

Paul